

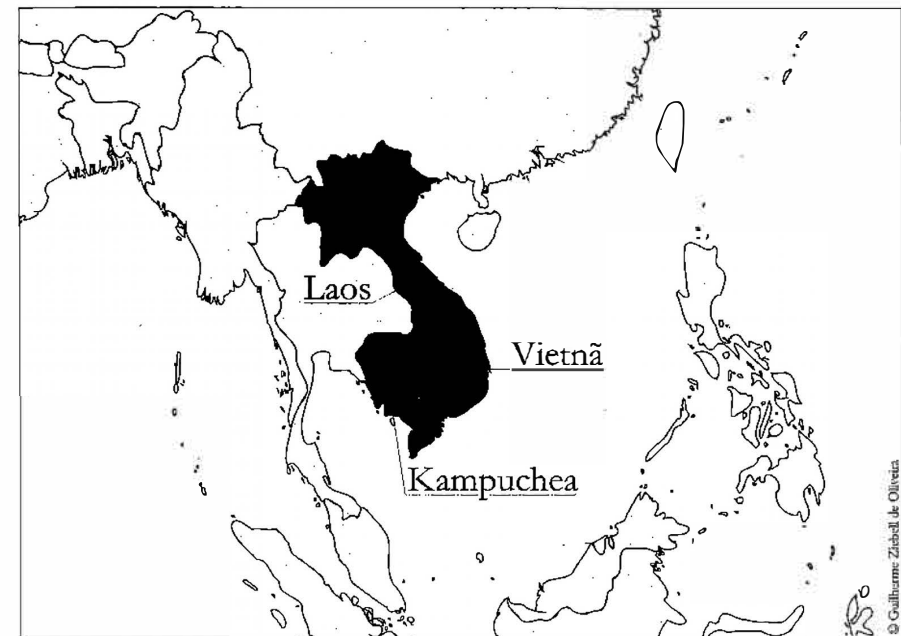
sociar os regimes da RDA e do III Reich (que nunca é referido como *nazista*, mas como nacional-*socialista*). Trata-se de um jogo perigoso, que pode ter consequências inesperadas nesse confuso mundo pós-moderno, pois a RFA e o III Reich constituem sistemas econômicos capitalistas em que despontam as mesmas grandes empresas privadas.

Talvez o ponto positivo da Nova Alemanha Federal seja uma tendência à autonomia internacional, como uma liderança da União Europeia. Em 2003, a RFA disse *não* à invasão do Iraque e mantém uma (complexa) aliança com a Rússia. Outra consequência foi o declínio do bipartidarismo SPD-CDU (União Democrata-Cristã, de centro-direita), partidos que declinaram, e os comunistas sobreviveram no leste (Partido do Socialismo Democrático) e, depois, se associaram aos dissidentes da esquerda do SPD, fundando o partido A Esquerda (Die Linke)⁷⁷, que se tornou a terceira força política. Mas parece que, enquanto houver resistência à assimilação e também crise social, a temerosa elite alemã continuará a denegrir o legado político-cultural dos alemães orientais, que estão sendo excluídos até mesmo da história. A Alemanha é um país poderoso e importante para o futuro equilíbrio de um mundo multipolar e para a elaboração de um modelo social alternativo ao neoliberalismo. Mas para tanto, é necessário, antes, espantar os seus diversos fantasmas, e hoje ele se encontra em crise, numa Europa em crise e sem qualquer ideia nova para superá-la.

⁷⁷ ● partido se encontra sob a severa vigilância da polícia secreta alemã, tal como a *Stasi* fazia com os oponentes da DDR.

5. A REVOLUÇÃO VIETNAMITA E OS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA INDOCHINA⁷⁸

A Revolução Vietnamita foi uma das quatro de maior impacto mundial, pois teve uma longa duração, foi catalisadora de outras revoluções pelo planeta e envolveu diversas potências derrotadas. O Japão, a França, os Estados Unidos e a China foram vencidos em território vietnamita. A intensidade da guerra contra os EUA e a luta de desgaste que se seguiu afetaram o sistema mundial, porque a Revolução Vietnamita se tornou um elemento catalisador para os movimentos terceiro-mundistas. Mas também porque representou um embate indireto entre Washington e o mundo comunista, que nem a cooptação da China por Kissinger e Nixon em 1971 puderam impedir a derrota da máquina militar americana. A Guerra da Coreia podia ser chamada de “empate”, mas o Vietnã foi uma derrota e humilhação, com repercussões estratégicas. E o país ainda logrou manter seu regime político, sobrevivendo à queda do protetor soviético, conservou sua autonomia nacional e impulsionou seu desenvolvimento econômico.



⁷⁸ Paulo Fagundes Visentini.

5.1 REVOLUÇÃO E GUERRAS DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA INDOCHINA (1945-1975)

O imperialismo francês ocupou a península indochinesa na segunda metade do século XIX. A resistência de tipo tradicional logo foi derrotada e inviabilizada, tendo início um conjunto de atividades capitalistas de tipo moderno: agricultura de exportação, implantação de seringais, proletarianização de boa parte da mão de obra nativa, construção de uma infraestrutura viária, urbanização, ampliação do ensino no âmbito da classe média e inserção na economia mundial. Na esteira desse processo, logo surgiria um movimento nacionalista moderno e, mesmo, socialista. Por razões geopolíticas, entre outras, o país se veria envolvido no turbilhão da Segunda Guerra Mundial e das Revoluções Socialistas e de libertação nacional, especialmente a chinesa. Situando-se na “fronteira quente” da Guerra Fria, logo o Vietnã e sua revolução viriam a ocupar uma posição internacional de grande impacto.

O colonialismo e as origens do nacionalismo e do comunismo

A região da Indochina, localizada no Sudeste Asiático, tem um clima tropical e é formada pelo Vietnã, Camboja e Laos. A partir de 1858 os franceses iniciam a conquista e ocupação gradativa de toda a Indochina, marcada por proletarianização, exploração, mas também por certa modernização. Uma classe proletária se formou bem antes da burguesia compradora: 53 mil trabalhavam em minas, 86 mil em fábricas e 80 mil nos seringais. Os camponeses, pauperizados, inauguram a era das revoltas sociais. Mais tarde, o nacionalismo tradicional faria sua transição ao moderno nacionalismo revolucionário nos anos 1920 e 1930, com a crise que se segue à Primeira Guerra Mundial, o impacto da Revolução Socialista russa sobre a Ásia colonial e, finalmente, com a grande depressão da economia capitalista mundial que se segue à crise de 1929 e atinge duramente o Vietnã.

O ponto de partida da longa luta de libertação nacional e de revolução social foi o engajamento militante de intelectuais pequeno-burgueses (classe média baixa) e de alguns operários e camponeses. Neste sentido, a biografia política de Nguyen Sinh Cung (o futuro Nguyen Ai Quoc e, depois, Ho Chi Minh) é exemplar. Encontrando-se como trabalhador na França no final da Primeira Guerra Mundial, seu nacionalismo é influenciado pelos acontecimentos políticos da época. Ingressa na SFIO (o Partido Socialista Francês) e acompanha sua ala esquerda na fundação do Partido Comunista Francês (PCF). Suas divergências quanto à questão colonial levam-no a afastar-se do PCF e transferir-se para Moscou, onde adere à III Internacional, ou Internacional Comunista (Komintern). Torna-se um jornalista combativo e um importante quadro da Komintern.

O ano de 1930 é o ponto de partida do movimento de resistência. Em fevereiro, tropas vietnamitas do exército colonial francês amotinam-se no Tonkin (Bac Bo), mas a rebelião é esmagada, obrigando-as a exilarem-se no sul da China, onde em 1927 havia sido criado o Vietnam Quoc Dan Dang (VNQDD), ou Partido Democrático Nacional do Vietnã. Mas o VNQDD, com suas táticas de ações e complôs terroristas afastados das massas, sofreria os efeitos da repressão francesa e se enfraqueceria consideravelmente. Simultaneamente à rebelião, Nguyen Ai Quoc (Nguyen, o patriota), havia fundado o Partido Comunista da Indochina (PCI), através da fusão de diversos grupos

marxistas do Vietnã (em Cantão, também no sul da China). O PCI, que agrupava intelectuais, operários e pequenos burgueses, tinha seu principal suporte social entre os camponeses assalariados e agricultores sem terra. No verão de 1930, o PCI organizou um grande levante camponês no norte do Anam, que ficou conhecido como os Sovietes de Nghe Tinh, e foi esmagado pela Legião Estrangeira.

A resistência antifascista e anticolonial (1939-1945)

A eclosão da Segunda Guerra Mundial influencia decisivamente o movimento de libertação vietnamita, obrigando o PCI a uma clandestinidade dura, mas lhe permite explorar as contradições do aparelho colonial, resultantes do enfraquecimento da metrópole francesa, do caráter fascista do regime Vichy e da presença japonesa no país, que se tornou um ponto estratégico para a expansão nipônica na área. Assim, a política da esquerda vietnamita se materializa através da formação de uma ampla frente anti-imperialista, que se inserirá num conflito maior, de dimensões mundiais.

A derrota da França pela Alemanha levou à ocupação do norte e do oeste da metrópole pela Wehrmacht, enquanto no sul era implantado o regime fascista e corporativo de Vichy, liderado pelo Marechal Pétain. Este governo dominava o império colonial. Paralelamente, a situação internacional continua a agravar-se. O Japão ataca o Vietnã. Com o vazio criado pelo colapso da administração colonial no Tonkin, eclode um levante popular liderado pelo comitê local do PCI. A sublevação causou perplexidade entre os franceses e os japoneses, que chegam rapidamente a um compromisso mútuo e esmagam a rebelião. Desencadeado em fins de novembro de 1940, outro levante afetou principalmente as regiões rurais do sul. A repressão francesa foi brutal. Em janeiro de 1941, houve, também, o levante de uma unidade da polícia civil, de tendência nacionalista, que foi rapidamente isolado e sufocado pelos franceses.

A ocupação militar japonesa no Vietnã e Laos setentrionais preocupa o *Kuomintang*, que decide apoiar a criação de um movimento de guerrilhas antijaponeses. Assim, Chang Kai-Chek foi forçado a apoiar uma frente que também incluísse o PCI. Em fevereiro de 1941, Nguyen Ai Quoc passa da China ao Vietnã e retoma contato com os grupos comunistas estabelecidos na década de 30, tendo criado a Liga para a Independência do Vietnã (Vietnã Doc Lap Dong Minh ou, abreviadamente, *Viet Minh*). Esta frente anti-imperialista vincula-se a diversas organizações populares então criadas (de camponeses, mulheres, jovens, crianças, velhos, operários e militares), além de estruturar milícias de autodefesa e lançar um jornal destinado aos camponeses, numa linguagem e argumentação simples. Importante foi também a atitude adotada para com as minorias étnicas, que aderiram ao movimento e forneceram quadros de liderança. As regiões habitadas pelas minorias eram estratégicas, como santuários para guerrilha e corredor de comunicação com o sul da China.

Vo Nguyen Giap, um ex-professor de história, foi o principal responsável pela elaboração de uma estratégia militar e um dos grandes articuladores da vitória da revolução vietnamita. Entretanto, Nguyen Ai Quoc dava prioridade absoluta ao fator político, ao qual devia subordinar-se a luta armada. Ao contrário do PC chinês, que possuía um excelente instrumento militar e limitada infraestrutura política, o Viet Minh possuía uma ótima estrutura de militantes, mas poucos militares.

Assim, o partido enviou quadros politicamente sólidos à Academia Militar de Whampoa (criada pelos soviéticos em 1927 e agora controlada pelo Kuomintang), no sul da China, para preparação da luta armada em escala "científica". Souberam aproveitar o ensino técnico sem se deixar contaminar ideologicamente pelos nacionalistas chineses. Uma vez adestrados, estes quadros abrem escolas móveis nos santuários do Viet Minh, para formar quadros locais. Giap traduz *A guerra de guerrilhas contra o Japão*, de Chu Teh e redige com Pham Van Dong *O comissário político*.

Entre setembro de 1941 e fevereiro de 1942, os franceses lançam uma grande ofensiva contra os santuários do Viet Minh no norte. Depois de seis meses de resistência, os guerrilheiros dividem-se em pequenos grupos. Alguns recuam para a fronteira chinesa, para reorganizar-se enquanto a maioria funde-se na população e dedica-se às atividades de propaganda e organização política. Em dezembro de 1941, a guerra amplia-se, com o ataque japonês aos americanos no Pacífico e às colônias europeias no sudeste asiático. O Vietnã torna-se um ponto estratégico para a expansão japonesa rumo ao sul. O PCI propõe a participação ativa na aliança contra o Eixo, ao lado dos aliados, lutando paralelamente pela independência nacional. Nguyen Ai Quoc vai a Chungking buscar reconhecimento e auxílio do *Kuomintang* e dos americanos, mas é preso por 14 meses por Chang Kai-Chek.

A partir de 1942, os franceses iniciam grandes requisições sistemáticas de Paddy (arroz da região), causando a morte de dois milhões de camponeses pela fome, no inverno de 1943/44. Além disso, os camponeses foram obrigados a usar parte dos campos para culturas industriais, como juta, diminuindo ainda mais a produção de alimentos. Os japoneses, que agora haviam ocupado militarmente toda a Indochina (embora conservando a administração e tropas francesas), exigiam da administração colonial a entrega mensal de enormes somas em dinheiro.

No inverno de 1943/44, os franceses lançam a segunda grande ofensiva contra as bases de apoio do Viet Minh, quando muitas das quais são ocupadas. Concluída a ofensiva, estas bases procuram organizar destacamentos de guerrilheiros em tempo integral, missões de assalto a postos isolados e execução de informantes. Procuravam, ainda, retomar a rota para o sul, enquanto retornavam quadros que se haviam dispersado durante a ofensiva francesa. Em março de 1944, Ai Quoc, recentemente libertado na China e agora com o nome de Ho Chi Minh (Ho, aquele que ilumina), é autorizado a levar o Viet Minh para a liga Dong Minh Hoi, devido à incapacidade política e militar dos nacionalistas.

No início de 1944, o PCI estabelece contato com comunistas alemães e social-democratas austríacos que integravam a Legião Estrangeira Francesa e a administração colonial, e que criam no Tonkin (Bac Bo) o Grupo Social-Comunista. Também mantém contatos com a esquerda francesa e com os gaullistas na Indochina. Numa reunião conjunta com representantes destes grupos, em novembro de 1944, o PCI alerta para a iminência de um confronto entre os japoneses e os franceses, devido ao rumo que a guerra tomava.

Obviamente, os militares e administradores franceses estavam comprometidos com os japoneses, tinham sido colocados em seus postos por Vichy e conheciam o perigo representado pelo Viet Minh para o colonialismo francês bem melhor que De Gaulle. Tanto é assim que, em outubro, as tropas francesas desencadeiam a terceira razia contra as bases do movimento. Giap cria a Brigada de Propaganda do Exército de

Libertação, com elementos de boa formação militar. O pequeno grupo contava com apenas 19 fuzis e 14 mosquetões. Depois de uma cerimônia na floresta, em que a bandeira do Viet Minh (vermelha com uma estrela dourada) faz sua aparição, os andrajosos guerrilheiros atacaram com sucesso alguns postos militares.

Os japoneses, por seu turno, depois de sofrer várias derrotas no Pacífico e perder a maior parte de sua esquadra, ampliaram em fins de 1944 suas zonas ocupadas no sul da China para garantir uma comunicação terrestre (ferroviária) com a Indochina e, através desta, com suas forças em todo sudeste asiático. A Indochina torna-se, assim, peça-chave na estratégia do militarismo nipônico.

A Revolução de Agosto e a primeira independência (1945)

A 9 de março de 1945, os japoneses atacam os franceses em toda a Indochina, derrotando-os completamente. De um dia para o outro a administração colonial desaparecia. O apelo do Viet Minh para uma aliança contra os japoneses é vão, devido ao caos reinante entre os franceses. A deserção de quase todas as tropas auxiliares e de algumas unidades francesas deixa boa quantidade de armas para o Viet Minh. Uma vez esmagada a administração Decoux, os japoneses proclamaram a independência do Vietnã, criando um governo colaboracionista, tendo Bao Dai como Imperador e Tran Trong Kim como primeiro-ministro. O poder deste governo é restrito, pois setores-chave da economia e repressão continuam nas mãos do exército japonês, e sua autoridade é parcial na Cochinchina e Tonkin, justamente as regiões mais importantes. No Tonkin e Anam, o novo governo apoia-se nos recém-criados grupos pró-japoneses).

Mas tudo isso é superficial. O país é um verdadeiro barril de pólvora por explodir. Os camponeses famintos e os maquis Viet Minh atacam os depósitos de Paddy em dezenas de localidades. As próprias tropas do governo e mesmo japonesas são atacadas. Ho Chi Minh percebe que o Viet Minh é agora a única força contra os japoneses. E o colapso destes não deve demorar, devido à proximidade dos aliados em chegar à Indochina. Assim, amadurece a situação revolucionária.

Em meio a este quadro confuso e mutável, o Viet Minh corre contra o tempo. A articulação do movimento entre as regiões ainda é precária. Em 15 de maio, é criado o *Exército de Libertação do Vietnã*, resultado da fusão de todos os grupos de guerrilha e milícias de autodefesa. Desencadeia a tática de insurreições locais, como meio de organizar a insurreição geral. Ampliam-se as zonas libertadas, e nelas organizam-se os *comitês populares revolucionários*, bases da futura administração popular. As ofensivas japonesas contra estas regiões são desbaratadas.

Em agosto os acontecimentos se sucedem. Os EUA lançam duas bombas atômicas sobre o Japão, e a URSS ataca os nipônicos no norte da China. Tóquio inicia negociações, enquanto suas tropas no Vietnã comportam-se como uma serpente decapitada. Dia 16, decidem recolher-se aos quartéis e entregam a Guarda Civil, a Segurança Central e a Censura ao governo Tran Trong Kim/ Bao Dai. No mesmo dia o Viet Minh cria um governo provisório, presidido por Ho Chi Minh, vencendo uma tendência direitista de alguns setores do PCI, que desejavam fazer uma coalizão com o governo pró-japonês.

A insurreição geral do Viet Minh (desde 12 de agosto) não tirou o devido proveito da situação dos japoneses, sobretudo na apreensão de armas e domínio da economia.

O governo fantoche continua dono da situação na maioria das cidades, enquanto oficiais franceses e elementos nacionalistas apresentam-se em algumas localidades para receber a rendição japonesa. Dia 17, o governo pró-japonês organiza um comício em Hanói, durante o qual oradores do Viet Minh (armados) tomam a palavra e inflamam a multidão com suas palavras de ordem. As tropas governamentais aderem ao evento, enquanto a bandeira imperial (amarela, com três listras vermelhas horizontais) é substituída pela do Viet Minh.

Os japoneses permanecem nos quartéis, aguardando o repatriamento. Em Hué, acontece o mesmo no dia 23, quando 150 mil pessoas saem à rua em apoio ao Governo Provisório de Ho. Em Saigon, no dia 25, uma massa ainda maior sai dos subúrbios e ocupa o centro da cidade. Dia 30 de agosto, o Imperador Bao Dai abdica, declarando que preferia “ser um simples cidadão de um Estado independente que soberano de uma nação subjugada” (receberá um cargo de conselheiro político do governo de Ho, e depois será exilado em Hong Kong, com uma pensão paga pelo Viet Minh). Na mesma data, é proclamada a República Democrática do Vietnã (RDV). No dia da capitulação do Japão (2 de setembro), Ho discursa num comício em Hanói, para meio milhão de pessoas.

Entretanto, a situação internacional é difícil para o novo governo, pois as tropas do *Kuomintang* ocupam o norte para receber a rendição japonesa. Mas os soldados do Viet Minh fazem sua entrada triunfal em Hanói, enquanto, no sul, forças britânicas desembarcam em Saigon, também a pretexto de receber a rendição japonesa. Como se não bastasse, numerosos agentes gaullistas, lançados de paraquedas no Vietnã, são detidos pelo Viet Minh. O triunfo da chamada “Revolução Nacional Democrática Popular” foi possível graças à aliança entre operários e camponeses, à criação de uma ampla frente política nacional e de forças armadas populares, à exploração das contradições franco-japonesas e à conjuntura criada pela Guerra Mundial num sentido amplo, que fez da França o novo “elo mais fraco” do sistema imperialista. Esta era a primeira revolução anticolonial de inspiração marxista a triunfar (ainda que uma vitória provisória).

A frágil República Democrática do Vietnã e a revolução anticolonial (1945-54)

A independência conquistada pelo Viet Minh ocorre num contexto muito difícil e contraditório. Ao lado da fragilidade interna, no plano internacional, a intervenção de Chang Kai-Chek responde também aos interesses políticos norte-americanos para a região. No sul, as forças britânicas utilizam as tropas japonesas como polícia, libertam e rearmam os soldados da Legião Estrangeira Francesa, procurando solapar o poder do Viet Minh na Cochinchina. Já, em setembro de 1945, começaram a ocorrer os primeiros ataques da Legião a militantes e a algumas aldeias, onde perpetraram massacres de camponeses.

Ho, Giap e Pham Van Dong procuram habilmente atrasar o confronto. Para tanto, dissolveram formalmente o PCI (setembro de 1945), que mergulha numa semiclandestinidadade de um regime que, em última instância, era controlado por ele próprio. O Governo Provisório lança algumas medidas visando saciar a fome da população: cultivos emergenciais até em áreas urbanas; direito da utilização de terras desocupadas; distribuição das terras comuns; abolição do mandarinato administrativo e judiciário; redução das rendas pagas pelos camponeses em 25%. Esta reforma agrária é extremamente cautelosa, pois o Viet Minh temia uma reação dos conservadores. As eleições de janeiro de

1946 dão quase 90% dos votos para Ho Chi Minh. Na Assembleia Constituinte, o Viet Minh entrega 70 lugares aos partidos nacionalistas, apesar da escassa votação destes. Entretanto, a França, ainda sem força para recuperar sua ex-colônia, procura ganhar tempo negociando com o Viet Minh, mas negando-lhe legitimidade.

Paralelamente, um regimento francês ocupa Saigon e as principais cidades do Cochinchina em setembro de 1946, e outras unidades avançam para o norte lentamente pelo litoral. O Viet Minh abandona as cidades (deixando estruturas clandestinas) e se retira para as florestas e regiões pantanosas. O general francês Leclerc percebe que esta é uma vitória aparente, pois as estradas abertas pelos blindados franceses são fechadas logo após sua passagem. Enquanto a guerra já está ocorrendo no sul, os franceses chegam a um acordo com Chang Kai-Chek, e os chineses se retiram. Ho aceita a ocupação de Tonkin pelos franceses, e, em troca, estes reconhecem a República Democrática do Vietnã (RDV), “livre, mas sem autonomia” (Estado Associado à União Francesa, sem a Cochinchina).

Fracassam, em abril de 1946, as negociações de Dalat, enquanto a guerra prossegue no sul e os incidentes multiplicam-se no norte. O confronto total avizinhava-se. Quando Ho volta de Paris, onde tentou negociar, decide recriar as milícias locais, estruturar uma administração de células de base, e reorganizar e reaparelhar o Exército (60 mil em fins de 1946). Em relação às regiões ocupadas, o Viet Minh decide cortar a comunicação entre as cidades francesas, bloquear a economia, isolá-las politicamente e estabelecer um cerco militar.

A reconquista colonial e a guerra franco-vietnamita (1946-50)

Os revolucionários vietnamitas fizeram todas as concessões possíveis para obter uma solução negociada para a independência. Então os franceses bombardeiam Haiphong (23/10), causando 6 mil mortos, e desembarcam. O Viet Minh prega a resistência, se entrincheira em Hanói e evacua a população. A cidade é cercada em dezembro e resiste numa luta de casa em casa até fevereiro de 1947, quando suas tropas retiraram-se pelo Rio Vermelho, burlando o cerco. À noite, os guerrilheiros “tocam piano” nas estradas (produzem grandes buracos alternados): 10.700km de rodovias e 1.500km de ferrovias são inutilizadas pela resistência. Quase todas as pontes do país foram destruídas. Ho declara aos franceses: “Vocês me matarão dez homens, enquanto eu lhes matarei um. Mas mesmo com esta conta, vocês não poderão aguentar e eu vencerei”.

Na obra *A resistência vencerá*, na qual Truong Chinh compilou vários artigos publicados pela Associação Indochinesa de Estudos Marxistas, encontra-se a tática do Viet Minh para a nova guerra, inspirando-se na *Guerra Prolongada* de Mao. A primeira fase seria defensiva, com combates de retardamento e dispersão de forças pelo campo, passando depois à guerrilha generalizada, até atingir um equilíbrio. Na segunda etapa, os franceses desencadeariam razias sistemáticas contra as zonas libertadas. A reação seria a eclosão de guerrilhas na retaguarda inimiga e a guerra de movimento. A terceira etapa seria marcada pelo reagrupamento de forças, passando à contraofensiva geral, da guerra de movimento à guerra de posições. Então, poderiam retomar as negociações, enquanto a ascensão do movimento de libertação em outras colônias poderia facilitar a contraofensiva, apesar da inferioridade.

Os norte-americanos toleravam, embora a criticassem, a política francesa na Indochina, porque precisavam do apoio de Paris para a criação de uma aliança militar

no Atlântico (a OTAN) e devido às derrotas do *Kuomintang* na guerra civil chinesa. Em 1947, os EUA contatam Bao Dai em Hong Kong e aconselham os franceses a desenvolver uma política mais inteligente. Estes, devido às suas crescentes dificuldades, são obrigados a aceitar a política de Washington, em troca de apoio financeiro e militar.

Em 1948, Bao Dai é trazido para receber a independência de todo o Vietnã. Mas a França domina a diplomacia, o exército e mantém seus interesses econômicos no novo "Estado". Mas a França tem o apoio de meio milhão de vietnamitas católicos no norte, dos grandes proprietários de terra, soldados e administradores franceses ou ao seu serviço, a burguesia francesa e os comerciantes vietnamitas, além do grupo Bin Xuyen e das seitas religiosas-militares Hoa Hao e Cao Dai no sul.

O Viet Minh reorganiza a resistência nos deltas, que, durante o dia, são franceses, mas à noite ficam recolhidos às bases militares. Também nas cidades do sul a resistência é reforçada (os restaurantes franceses em Saigon tiveram que instalar proteções contra granadas). A guerra popular teve que lançar mão de grande engenhosidade. O militante comunista Trang Dang Ninh (um ex-tipógrafo) organizou uma eficaz rede de transporte pelas montanhas, a pé ou em largas colunas de bicicletas carregadas com 200 kg, empurradas em trilhas abertas pelos camponeses.

Em fins de 1948, o exército francês (integrado também pela Legião Estrangeira - repleta de fascistas refugiados da Europa, por soldados coloniais árabes, africanos e tropas de Bao Dai) encontrava-se literalmente atolado. Três quartos do Rio Vermelho são permanentemente controlados pelo Viet Minh. No delta do Mekong, os franceses só conseguem entrar na zona de juncos, reunindo grandes contingentes, e a guerrilha atuava até próximo dos subúrbios de Saigon. No início de 1949, caem vários postos franceses no norte e, em outubro, a vitória comunista na Revolução Chinesa e a instauração da República Popular da China terminam o isolamento dos revolucionários vietnamitas. Ho decide passar para a "terceira etapa", reagrupando suas forças e proclamando a população a reparar as estradas da zona montanhosa do norte, intensificar a sabotagem nas planícies, preparar a contraofensiva e criar um exército clandestino urbano. No segundo semestre de 1950, os franceses sofrem graves derrotas nas montanhas, a pior delas na batalha de Cao Bang, e recuam para o delta.

A Revolução Chinesa, o Viet Minh e a derrota da francesa (1950-54)

O início dos anos 50 marca uma alteração internacional e regional significativa com repercussão direta na guerra. A fundação da República Popular da China representa um golpe para a política de Washington na Ásia, pois o país era peça-chave na estratégia americana. Esta situação obriga-os ao envolvimento direto com a região. Com o desencadeamento da Guerra da Coreia, os EUA intervêm militarmente em apoio aos sul-coreanos, salvando-os e ameaçando os norte-coreanos e a própria China, que intervêm em defesa destes. A Ásia Oriental torna-se um ponto nevrálgico da Guerra Fria. O *Kuomintang* refugia-se na ilha de Formosa, sob a proteção da Marinha americana. Na Conferência de Londres sobre a Indochina (abril de 1950), os EUA decidem enviar mais dinheiro e armas aos franceses, além de missões militares, para a destruição do movimento de libertação. Em dezembro de 1950, EUA, França e os "Estados Associados" Indochineses assinam um acordo de defesa mútua. Neste mesmo ano, a

União Soviética, a República Popular da China e os demais países socialistas reconhecem a República Democrática do Vietnã.

Neste novo contexto, os franceses enviam à Indochina seu melhor estrategista, o General Lattre de Tassigny, que estabelece uma moderna linha fortificada (que leva seu nome) em torno do delta do Rio Vermelho, isolando a zona produtora de arroz do planalto controlado pelo Viet Minh. No primeiro semestre de 1951, fracassaram três ofensivas de Giap ao delta. Paris e Washington exultam. Mas, ao transformar as pequenas bases em grandes fortificações fixas e grupos móveis, Lattre não supera o dilema enunciado por Giap em sua análise da nova situação: "(o corpo expedicionário francês) se encontra frente a uma contradição: sem dispersar suas tropas, era-lhe impossível ocupar os territórios invadidos; ao dispersá-los, eles colocavam a si próprios em dificuldade. Suas unidades divididas tornavam-se presas fáceis para nossas tropas, suas forças móveis se encontravam cada vez mais reduzidas e a penúria de efetivos não fazia mais que acentuar-se. Se ele concentrava as tropas para poder fazer face à nossa ação e retomar a iniciativa, suas forças de ocupação diminuía tanto que se tornava difícil, mesmo impossível, guardar o terreno adquirido".

Neste contexto, é dissolvido o PCI e são criados partidos independentes para o Laos, Camboja e Vietnã. O deste último é denominado Partido dos Trabalhadores do Vietnã (Lao Dong), e é uma continuidade do PCI, embora enfatize mais a longa duração da resistência, a questão nacional e o alargamento da base social da revolução vietnamita. Nas zonas libertadas pelo Viet Minh, a base camponesa se solidifica. Em vista do atoleiro em que a guerra novamente caíra, Lattre vai aos EUA, em setembro de 1951, para "vender a guerra". Os americanos enviam armas para Bao Dai e conselheiros que vão se responsabilizar pelas operações militares. Washington fornecerá os dólares enquanto Paris e Saigon fornecerão o sangue. Em 1951, os EUA cobrem 15% da guerra; em 52, 35%; em 53, 45%; e em 54, 80%. A cada manhã é necessário reabrir os 100 km da rodovia e ferrovia para Haiphong, que já estão minadas e sabotadas a noite.

No verão de 1953 os franceses criam nas montanhas os *campos entrancheirados* (apoiando-se no mito de Verdun), que atingirão seu paroxismo em Diem Bien Phu. O Viet Minh estende, então, sua atuação ao Laos, em conjunto com a guerrilha do Pathet Lao, e ao Camboja, em apoio aos maquis do grupo Khmer-Issarak. A guerrilha amplia as rotas e estradas "invisíveis" nas montanhas: 350 km de novas estradas e conserto de 4.000km bombardeados. Por estes caminhos circulam, à noite, comboios de caminhões Molotova, de fabricação soviética.

O general Navarre, sucessor de Lattre, depois de 18 meses de imobilidade agrupa suas tropas e as lança contra a região norte controlada pelo Viet Minh. Giap reage lançando um ataque no Laos setentrional, com objetivos políticos. Navarre decide, então, cortar as ligações entre a zona libertada pelo Viet Minh no norte vietnamita e o planalto laosiano. Para tanto, cria uma base fortificada, dotada de tropas de elite, em Diem Bien Phu, um lugarejo perdido nos confins da fronteira montanhosa entre os dois países. Mas a eficácia da base seria nula para tal propósito, pois corta um eixo fictício. Mas uma das razões para o controle da área é que a mesma constituía uma rota para o tráfico de drogas (proveniente do Triângulo de Ouro do norte da Birmânia, controlado por um general do Kuomintang) que, por diversos mecanismos, auxiliava os franceses a financiar seu dispendioso esforço de guerra.

Os franceses procuram usar a base também como elemento de atração da guerrilha para uma batalha decisiva de tipo convencional. Giap mobiliza todos os meios de transporte e consegue reunir forças importantes para a batalha, que se inicia em 13 de março de 1954. Diem Bien Phu é logo cercada, e só pode ser abastecida pelo ar. Após uma dura resistência, 16.000 soldados de elite rendem-se ao Viet Minh. A batalha ocorre numa conjuntura importante. Desde fins de 1953, parte da direita francesa percebe que está lutando inutilmente, e pelos interesses dos Estados Unidos, posicionando-se contra a guerra defendida pelo governo Laniel-Bidault (pró-americano). Em junho, assume o gabinete Mendès-France, que é pelo fim do conflito.

No Laos e no Camboja, a situação também chegava a uma definição. A resistência antijaponesa laosiana proclamara a independência do país em 1945, mas o Exército francês reocupa o Laos. Organiza-se a Frente Pathet Lao (Pátria Lao), liderada por Suvanavong (o “príncipe vermelho”) e por seu meio-irmão, o príncipe Suvana Fuma. A Frente lutou contra os franceses dentro da política do Viet Minh. Em 1949, Paris concede ao Reino do Laos uma independência limitada dentro da União Francesa, com o Rei Savang Vatthana. Suvana Fuma negocia e passa e integrar o governo, mas Suvanavong e a maior parte do Pathet Lao continuam a resistência armada, libertando quase metade do país dos franceses até 1954.

No Camboja, o príncipe Norodom Sihanuk encontrava-se no trono desde 1941. Com a reocupação francesa em 45, desencadeia-se a resistência. Em 1947, as autoridades coloniais concedem também uma independência limitada ao Reino, dentro da União Francesa. O príncipe Sihanuk, sem dúvida um dos mais hábeis políticos deste século, procura barganhar com os franceses a ampliação da independência do país, enfraquecendo a resistência. Em 1951, esta cria a Frente Khmer Issarak (Khmer Livre) e reinicia a luta armada. Em 1953, é reconhecida a plena independência do Reino do Camboja e de seu regime neutralista.

O governo de Washington procurou impedir a Conferência de Genebra, que contou com a participação da RD do Vietnã, do Reino Unido do Vietnã (de Bao Dai), da França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Camboja, Laos, URSS e RP da China. A maior parte do Vietnã encontra-se nas mãos do Viet Minh e cada lado contou com meio milhão de homens em armas. Os Acordos são assinados em 20 de julho por todos os participantes da Conferência, exceto pelos EUA, que fazem um ambíguo comunicado em separado. Fica estabelecido o cessar-fogo e a *divisão temporária* do Vietnã (Paralelo 17). O cumprimento teria supervisão internacional do Canadá, Índia e Polônia. O Viet Minh deveria reagrupar-se ao norte da linha divisória e as forças francesas e de Bao Dai ao sul, num prazo de 90 dias. Os civis teriam dois anos de prazo para mudar-se para o lado de sua preferência. Os prisioneiros de ambos os lados seriam libertados.

Em julho de 1956, deveriam realizar-se eleições gerais e livres para a escolha de um novo governo para o Vietnã unificado. O Laos e o Camboja tornaram-se reinos plenamente independentes e tiveram reconhecida sua neutralidade. A resistência cambojana deveria dissolver-se e a laosiana reagrupar-se em duas províncias do nordeste.

Socialismo no norte e Guerra Civil no sul (1954-1965)

O período que se abre com os Acordos de Genebra marca a divisão do Vietnã, que o incremento da presença americana no sul vai perpetuar. A fundação da Frente Nacional

de Libertação do Vietnã do Sul (FNL) e a crescente presença militar dos Estados Unidos marcam o início da Segunda Guerra do Vietnã. Não tendo podido impedir a Conferência de Genebra, Washington procurou evitar as decisões da mesma, em particular as eleições, pois sabia que seus aliados perderiam. Também era necessário livrar-se dos franceses e de seus apoios internos. Logo após a assinatura do Acordo de Genebra, os Estados Unidos impõem Ngo Dinh Diem como primeiro-ministro de Bao Dai. Em novembro de 1954, é criada a aliança militar Organização do Tratado da Ásia do Sudeste (OTASE), com a participação dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França, Austrália, Paquistão, Tailândia e Filipinas, e que prevê a possibilidade de uma intervenção militar na Indochina. Então, por pressão de Washington, os franceses concordam em retirar suas tropas do Vietnã até 1956 e transferem o poder a Diem, em troca da manutenção de seus interesses econômicos e comerciais. Bao Dai fica como figura decorativa.

Os católicos do norte e os soldados vietnamitas do exército francês com suas famílias, 870 mil pessoas aproximadamente, cruzam o Paralelo 17 rumo ao sul. Para os que imigrassem para o sul, foi-lhes prometido terra. A chegada desta massa, que havia apoiado o colonizador francês contra seu próprio povo, deu o pretexto para que os Estados Unidos denunciassem o “totalitarismo” da RDV e “terror no norte”. Enquanto isso, 100 mil soldados do Viet Minh atravessam o paralelo 17 em sentido contrário. Isso debilitou o poder militar da resistência no sul, embora sua força política no campo permanecesse quase inalterada.

Segundo relatórios de assessores americanos, 60 % das aldeias eram controladas ou influenciadas pelo Viet Minh no Sul. Em setembro de 1954, com a saída dos soldados do Viet Minh, iniciam-se os massacres de camponeses nas chamadas “campanhas de denúncia de comunistas”. Depois de semear o terror nas regiões que haviam apoiado o Viet Minh, Diem desencadeia, com o apoio da CIA, uma ofensiva contra os conservadores pró-franceses. Em março de 1955 Diem estabelece uma aliança com a parte do exército de Bao Dai organizada pelos EUA, por pressão americana.

O novo Senhor de Saigon formaliza então um pedido de apoio a Washington, que põe em ação o projeto *Vietnã Livre*, carregando 250 mil dólares de ajuda anual ao novo regime e desencadeando uma campanha publicitária internacional em favor do “pequeno povo corajoso que resiste à agressão comunista”. Uma vez consolidado no plano interno e externo, os americanos organizam um plebiscito em outubro de 1955, onde a Monarquia de Bao Dai é substituída pela República de Diem, numa fraude impressionante.

Não era apenas uma “troca da guarda”, pois os franceses e Bao Dai iam embora em 1956 menos por estarem desgastados e mais por atrapalharem os planos americanos. Os Estados Unidos querem tomar o *affair* Vietnã totalmente em suas mãos, e resolvê-lo à sua maneira: eliminar a resistência no sul e, depois, atacar a RDV. E os Acordos de Genebra? A este respeito, Washington lembrará que não os assinou, e Diem dirá cinicamente que seu regime nada tem a ver com eles, pois foram assinados pelo antigo Reino do Vietnã (de Bao Dai). Em maio de 1957, em *tournee* pela América, Diem declara aos jornalistas: “As fronteiras dos EUA se estendem até o paralelo 17”. Desde abril de 1956 o *Military Aid and Advisory Group* torna-se o responsável pelo exército sul-vietnamita. As eleições e a unificação previstas para julho de 1956 são abandonadas.

O regime de Diem é dotado de uma Constituição e de uma Assembleia Nacional fantasmas, para obter legitimidade internacional. O novo presidente, um típico repre-

sentante feudal e católico vietnamita, coopta os latifundiários do delta do Mekong, refugiados em Saigon na época dos franceses, prometendo devolver-lhes a terra. A contrapartida internacional é a apresentação do presidente pela imprensa americana como o "Churchill da Ásia", o "Homem miraculoso do Vietnã do Sul". O verdadeiro núcleo de poder do regime era a própria família Diem, que praticamente ocupava todos os cargos importantes. Até ministros do governo, que não pertenciam ao clã Diem, tinham o presidente (muitos foram eliminados).

O caráter excludente e repressivo do governo de Saigon criava um descontentamento e reação cada vez maiores. Nos "anos de paz", de 1954 a 1959, morreram mais pessoas no Vietnã do Sul que na Primeira Guerra da Indochina. A violência aumentou após 1956. O exército de Diem era bem estruturado, mas parte da "força" deste aparato residia no fato de não haver luta organizada contra ele antes de 1960. A deterioração do regime no fim dos anos 1950 é visível. A pequena-burguesia, majoritariamente chinesa, e as minorias religiosas, que haviam apoiado os franceses, são perseguidas. Também estes grupos vão opor-se ao regime de Diem. Em março de 1959, Diem lança uma grande ofensiva contra o campo, onde a resistência começa a estruturar-se local e espontaneamente.

Após os massacres, passam a ocorrer ataques a informantes. Depois são os atentados aos latifundiários, funcionários e até policiais. Em 1960, 10 mil deles estavam refugiados em Saigon. O governo lança maciços ataques aéreos contra as bases do Viet Minh, localizadas a apenas 10 km de Saigon. Le Duan, que voltara clandestinamente ao norte, faz um relato da situação e pede, em nome dos militantes do sul, o início da resistência armada organizada. Em maio de 1959, o Partido dos Trabalhadores (Lao Dong) decide apoiar a luta no sul. Mas este apoio é modesto até a escalada americana.

Transformações socialistas no Norte

Entre 1949 e 1953, a China fornecera grande ajuda material ao Viet Minh, mas no fim dos anos 1960, Chu En-Lai chega a propor a abertura de uma embaixada do governo de Diem em Beijing (obviamente este recusou). Os soviéticos propõem, por seu turno, o ingresso dos dois Vietnãs na ONU, ainda que apoiassem a RDV e denunciassem o não cumprimento dos Acordos de Genebra. É óbvia a intenção de manter a *détente* com os americanos. Era preciso evitar outra guerra como a da Coreia num momento em que o mundo colonial marchava para a independência, e também impedir uma intervenção direta dos Estados Unidos no Vietnã. Este é o fator externo que impediu Ho Chi Minh de reagir à repressão de Diem no sul. Mas há os problemas internos norte-vietnamitas, como a reforma agrária socializante, que provocou certa reação camponesa. São distribuídos 800 mil hectares a 2,2 milhões de famílias (72% da população rural). Mas a reforma agrária foi implementada de forma inadequada: a fixação exagerada no modelo chinês, o despreparo de muitos quadros partidários que interpretavam as normas de forma dogmática e a injusta condenação de muitos proprietários que haviam lutado contra os franceses foram alguns dos erros cometidos, que conduziram ao descontentamento dos camponeses de várias regiões.

Isso levou a que o partido fizesse uma autocritica pública em 1957 e retificasse a linha da reforma agrária. Muitos quadros foram punidos ou transferidos de cargo, como o próprio Secretário-Geral do Lao Dong. Partiu-se para formas limitadas de trabalhos

cooperativos e só em 1959 foram criadas as cooperativas socialistas (terra e instrumentos de trabalho tornam-se comuns). O Estado investiu maciçamente em trabalhos hidráulicos: canais, represas, drenagens e irrigação ampliam a área cultivada (melhoradas pela adubação), eliminam as devastações causadas pelas enchentes e a penetração de água salgada nos arrozais do delta durante a seca.

Desenvolveu-se paralelamente a criação de peixes para melhorar a dieta alimentar da população e a introdução de culturas industriais (juta, algodão, cana, chá). Em 1961, a RDV lançou o I Plano Quinquenal, criando as primeiras indústrias ligeiras (têxteis, chá, papel, madeira, açúcar e conservas) e pesadas (construção mecânica, superfosfatos, cimento, fundição, centrais elétricas e mineração de carvão e estanho) com a ajuda de países socialistas. O Plano não foi completado devido à escalada americana. Entretanto, o fenômeno que mais chama atenção neste período é a revolução médico-sanitária e educacional. Foram formados médicos e enfermeiros em grande número, com o apoio dos países socialistas, deslocados para cada aldeia. O trabalho de alfabetização, iniciado durante a resistência, foi intensificado. A alfabetização dos adultos foi concluída nos primeiros anos de poder revolucionário.

É importante mencionar ainda que a RDV de 1954 tinha uma organização jurídico-política de democracia popular (contando com a existência de grupos políticos não integrados ao governo), enquanto que a RDV de 1945 estava estruturada nos moldes de uma democracia liberal-burguesa. A construção de um Estado revolucionário no norte mostrava o fruto de um longo trabalho iniciado nos anos 1920, de transição sem conflitos do confucionismo ao marxismo. Finalmente, entre as realizações positivas do novo regime, encontra-se uma bem-sucedida política de emancipação da mulher e a ausência quase completa de corrupção, o que surpreendia os observadores que viajavam pelas jovens nações afro-asiáticas.

A Guerra Civil no sul e o envolvimento americano

Em 1960, a situação do governo de Saigon não é das melhores. No mês de novembro fracassa um golpe do Exército contra o presidente Diem, sintoma do descontentamento dos militares pela incapacidade do regime em impedir o alastramento da insurreição. Diem, preocupando-se mais com os possíveis rivais *dentro do poder*, passa a promover os generais por fidelidade política a seu clã. Os Estados Unidos começam a pensar numa intervenção direta. Aproveitando-se do clima de descontentamento generalizado, a resistência cria em dezembro a Frente Nacional de Libertação do Vietnã do Sul (FNL), que a propaganda de Washington e Saigon denominará pejorativamente de *Vietcong* (literalmente, comunistas vietnamitas)⁷⁹.

A plataforma política da FNL era a derrubada da ditadura neocolonial de Diem e o estabelecimento de um governo de coalizão democrática e nacional. Três seções

⁷⁹ Todavia, a FNL era uma frente política mais ampla que o Viet Minh. Era integrada pelo Partido Democrático liderado por Huynh Tan Phat, Partido Socialista Radical de Nguyen Van Hien, Partido Popular Revolucionário ou Vo Chi Cong (comunista, equivalente ao Partido dos Trabalhadores), pelos Movimentos da Paz do Vietnã do Sul (organizados em 1954 visando à efetivação dos Acordos de Genebra), Movimento dos Khmers da Cochinchina, sobreviventes do Binh Xuyen, Cao Dai e Hoa Hao, movimentos budistas, Associação dos Militantes pela Paz (dissidentes do Exército sul-vietnamita) e, depois da queda de Diem, até por grupos católicos.

de propaganda específica da Frente foram criadas para os camponeses, intelectuais de Saigon e para o Exército sul-vietnamita, visando a fomentar as deserções e a sabotagem interna. A FNL, aproveitando as estruturas organizadas pelo Viet Minh, estabelece uma administração paralela nas áreas libertadas e também à noite nas aldeias que durante o dia são ocupadas por Diem.

Apesar de o governo possuir três vezes mais tropas, a FNL conhece um crescimento contínuo. Entre 1960 e 1964, a área controlada pela guerrilha quadruplicou. A FNL representa a transformação social (defesa da reforma agrária) e a luta pela libertação nacional (o Vietnã do Norte é o Estado resultante da vitória sobre os franceses). Enquanto isso, o "Vietnã Livre" (o regime de Diem) é visto como herdeiro do Estado colonial francês e como defensor dos feudais vietnamitas. A guerrilha apresenta-se como movimento de luta pela democracia e pela unificação dos dois Vietnãs, como fundamento da autodeterminação nacional. Assim, a ideologia e a ação política da FNL assumem a forma de um nacionalismo de consciência revolucionária.

A preocupação norte-americana com a deterioração da situação no Vietnã do Sul é reforçada pelo fracasso da operação da CIA contra a Revolução Cubana (invasão da Baía dos Porcos). Kennedy, McNamara (secretário de Defesa) e o General Taylor (comandante no Vietnã), decidem aplicar a estratégia da *contrainsurgência ou guerra especial*. A *Estratégia para a repressão da expansão comunista* utilizaria a chantagem nuclear como instrumento de pressão econômico-militar contra a União Soviética e a China Popular, para que estas reduzissem ao mínimo a ajuda aos revolucionários vietnamitas.

A segunda fase iniciou-se em 1961, com o comunicado do Johnson-Diem, que aumenta a ajuda a Saigon e o número de assessores militares além do permitido pelos Acordos de Genebra. O Vietnã do Sul torna-se uma verdadeira linha de fogo para as novas armas antimovimentos de libertação. O uso de helicópteros corresponde à tática de "cerco vertical": o H21, o HU 1A (com 16 foguetes e metralhadoras pesadas) e o Bell. Além disso, também se utilizam intensivamente os blindados anfíbios M 113, para combater os vietnamitas em seu ambiente natural. Os especialistas norte-americanos também usaram a experiência britânica da Malásia, para "esvaziar o lago e apanhar o peixe", reagrupando os camponeses em *aldeias estratégicas*, para privar a guerrilha de apoio. Os camponeses, levados à força, revoltavam-se na primeira oportunidade, e as aldeias tornavam-se bases da guerrilha ou eram incendiadas e tinham suas armas capturadas. A experiência foi progressivamente abandonada após a queda de Diem.

Paralelamente, nas áreas controladas pela FNL, tudo que se movia era considerado alvo inimigo pelos soldados americanos e saigoneses, que estavam autorizados a saquear os camponeses e queimavam tudo nas aldeias (até as árvores frutíferas). Aonde as tropas não podiam chegar, era usado *napalm* (bomba incendiária de gasolina gelatinosa) e produtos químicos para envenenar as colheitas. Ao lado do genocídio das populações, os guerrilheiros capturados eram mortos ou torturados. Tal política só fez intensificar a guerrilha e o apoio popular à FNL, que tratava os camponeses dentro da honra confuciana e eram vistos como autoridades legítimas, pois permitiam a eleição dos líderes de aldeia, ao contrário dos funcionários de fora, nomeados por Diem.

Em janeiro de 1963, 2 mil soldados sul-vietnamitas são derrotados por 200 guerrilheiros no delta do Mekong, além de perderem vários helicópteros. Os americanos inquietam-se, pois a política de Diem reforça a guerrilha. Em maio, um protesto budista

em Hué, contra o favorecimento dos católicos é esmagado por tanques. Durante o verão, ocorrem novas manifestações em Saigon e outras cidades importantes, com a adesão de estudantes. A repressão causa novas mortes durante a chamada crise budista. Em outubro, Diem traz para Saigon suas tropas de elite para combater focos de revolta budista no Exército. A embaixada americana ameaça cortar toda ajuda se a guarda pretoriana do regime não voltar ao campo para combater a guerrilha. O recuo de Diem custa-lhe caro, pois dois dias após a saída a retirada ocorre um golpe militar apoiado pela CIA. Diem e Nhu são assassinados e uma junta militar assume o poder, enquanto a população dança nas ruas.

Entretanto, a situação é difícil para os Estados Unidos. O governo só controla Saigon, as capitais provinciais, as principais cidades e estradas, além de algumas aldeias estratégicas, enquanto 75% do país estão nas mãos da FNL. Além disso, após a derrubada de Diem, sucedem-se treze golpes de Estado em dois anos. O governo de Saigon encontra-se assentado sobre um vazio de poder. O regime de Diem estava de tal forma centralizado, que o desaparecimento de sua família deixou o Estado desestruturado.

Nenhum dos sucessivos generais consegue estabilizar a situação. A ofensiva da FNL, em fins de 1964, é irresistível e vários americanos são mortos. Os Estados Unidos começam a usar desfolhantes para criar um vazio vegetal (o senador Goldwater propõe a destruição das florestas com bombas atômicas), e decidem estender a guerra ao norte do Paralelo 17. Dia 2 de agosto de 1964, o destróier Maddox entra em águas territoriais da RDV e troca tiros com duas lanchas vietnamitas. Esta provocação, tantas vezes usada contra outros países, destinava-se a testar e preparar a opinião pública dos Estados Unidos, para o desencadeamento da terceira etapa, ou guerra limitada.

Em fevereiro de 1965, 50 caça-bombardeiros americanos bombardeiam o Vietnã do Norte, desencadeando a operação *Rolling Thunder*. Simultaneamente, os *marines* desembarcavam em Da Nang, escoltados por tanques e sobrevoados por helicópteros, com o cenário iluminado por poderosos holofotes, numa encenação que lembrava as megaproduções cinematográficas de Hollywood, e destinava-se a impressionar os camponeses de um pequeno país e a imprensa mundial. Uma nova fase de guerra se iniciava, e os Estados Unidos equivocavam-se ao crer em sua própria propaganda, acreditando que a guerrilha no sul poderia ser derrotada através do bombardeio do norte.

No Laos, os Acordos de Genebra não conseguiram evitar a continuação do conflito entre o governo e o Pathet Lao. O cerne da divergência vinculava-se às eleições previstas pelos Acordos. As conversações de Vientiane levaram à participação do Pathet Lao no governo e à realização de eleições em maio de 1958. A vitória das forças de esquerda na eleição permitiu a formação de um governo de coalizão de centro-esquerda, com o neutralista Suvana Fuma como primeiro-ministro e com Suvanavong como ministro do Planejamento.

A reação americana foi imediata, com pressões econômicas, militares e diplomáticas, levando à queda do governo e sua substituição por um gabinete conservador (em que o general Fumi Nosayan e o príncipe Bun Um eram as eminências pardas), apoiado pelos Estados Unidos e pela ditadura tailandesa. O Pathet Lao volta à luta armada, apoiado pelos neutralistas, desencadeando-se uma violenta guerra civil. Em 1961, a guerrilha controlava a metade leste do país. Por mediação da Grã-Bretanha e da União Soviética, formou-se em 1962 um novo governo de União Nacional, integrado pelas

três forças políticas do país, que se mantêm até o incremento da intervenção americana em 1964-65.

No Camboja a situação era outra. O governa Sihanuk, embora apoiado em forças tradicionais, gozava de legitimidade popular. No plano internacional, sua linha neutralista valia-lhe o reconhecimento até dos países socialistas. A manutenção do país à margem do conflito indochinês e a hábil encampação dos princípios nacionalistas davam ao regime um suporte adicional. Assim, o Partido Popular Revolucionário Khmer (fundado em 1951 quando da dissolução do PCI) e a Frente Khmer Issarak ocupavam um lugar secundário na luta política local, e seus focos de guerrilha nunca conseguiram ameaçar o regime de Sihanuk. Em 1960, o Partido adotou o nome de Partido Comunista do Kampuchea e recebeu um afluxo crescente de militantes vindos do exílio no Ocidente, principalmente de Paris. Estes ocuparam o lugar dos antigos militantes, que sofreram baixas enormes nos anos anteriores. Pol Pot e Ieng Sary eram os elementos mais típicos da nova geração.

A estratégia da contrainsurgência (1965-68)

Os norte-americanos jogaram no Vietnã meios de destruição poderosíssimos. O efetivo militar, que em 1965 somava 25 mil no país, atingiram 600 mil em 1968. É construído o maior heliporto do mundo, An Khe, com 5 km de largura por 7 km de extensão. Os superbombardeiros B-52 são instalados em várias bases do Vietnã do Sul e da Tailândia, além de outros tipos de aparelhos no porta-aviões da 7ª Frota e no Laos. Além disso, o Exército e as milícias do governo de Saigon atingem um milhão de efetivos bem armados pelos EUA. São enviados 60 mil soldados sul-coreanos, filipinos, australianos e neozelandeses a regiões específicas. Os sul-coreanos, particularmente, serão responsáveis por crueldades em sua área de atuação.

Em julho de 1966, o brigadeiro Nguyen Cao Ky assume o poder e estabiliza a situação política com apoio americano. Em outubro de 1967, é substituído pelo general Nguyen Van Thieu, que proclama a Segunda República do Vietnã. Entretanto, todas as tentativas de criar guerrilhas no norte, a partir da infiltração de comandos sul-vietnamitas, fracassam. O objetivo norte-americano é o de uma guerra clássica geograficamente limitada (como as do século XVIII); embora devesse ser rápida e intensa, não poderia ameaçar o equilíbrio internacional nem causar problemas internos.

O uso de grandes meios para a consecução de objetivos limitados contrasta com a política francesa da Primeira Guerra da Indochina, onde estes dispunham de meios limitados para um objetivo mais amplo. Apesar das vantagens americanas, a situação produzia seus próprios limites. A presença americana desmoralizava o governo de Saigon tal como o de Bao Dai o fora pelos franceses. Além disso, o prolongamento da guerra obrigava os Estados Unidos a um envolvimento cada vez mais arriscado. Por outro lado, o fato de não haver soldados soviéticos ou chineses auxiliando a RDV reforçava a legitimidade internacional de Hanói como nação agredida, além de reforçar a causa nacional no plano doméstico.

O grande poder de fogo das Forças Armadas norte-americanas sobre um território exíguo como o do Vietnã punha problemas novos. A estratégia revolucionária teria que ser diferente da empregada pelos chineses, a qual havia sido adaptada pelos próprios vietnamitas contra os franceses, que, apesar da superioridade numérica e mate-

rial sobre o Viet Minh, estavam longe da assimetria do poder americano contra a FNL. Além disso, o espaço de luta era menor, abarcando inicialmente apenas o sul e parte do Laos, zonas pouco povoadas, ao contrário da guerra franco-indochinesa, que teve seu principal teatro de operações no norte, mas que abarcava toda a Indochina.

Além disso, houve um fenômeno de urbanização forçada no sul, devido à expulsão, bombardeios ou ao próprio combate nas zonas rurais. A cidade de Saigon passa de 500 mil habitantes no início da intervenção americana para 4 milhões na época da unificação. Por outro lado, os constantes bombardeios às indústrias e aos transportes no norte obrigaram a RDV a descentralizar as fábricas, enviar parte da população das cidades (sobretudo velhos e crianças) para o campo, distribuir armas para a população reagir aos ataques aéreos e organizar uma economia de guerra.

Vo Nguyen Giap e os outros membros do comando estratégico revolucionário resolveram desencadear a *guerra total do povo inteiro*, mobilizando toda população no esforço militar e produtivo. Mas Giap sabia que isso não era suficiente, pois precisava de uma organização técnico-científica (segundo Giap, isso correspondia à “passagem do artesanato à mecanização no combate”, parafraseando Marx). Formaram-se tropas de elite fortes, com preparo técnico e organização moderna (os “capacetes duros” já referidos). A modernização das tropas foi possível graças ao auxílio dos países socialistas. Em 1961, a FNL ainda contava com armamento antiquado. Os guerrilheiros tiveram que aprender a técnica do inimigo e adaptá-la à guerra popular, para tornar eficaz o uso das armas modernas soviéticas, chinesas e tchecoslovacas que passaram a receber fuzis AK-47, lança-foguetes portáteis de 109, 122 e 140 mm (com precisão de 9 a 14 km) e os tanques PT76 e T34.

A tática de guerra popular concentrava-se nos ataques à retaguarda inimiga, fazendo com que a frente de combate se encontrasse em todos os lugares, nas montanhas, nos deltas e nas cidades. Pequenas unidades móveis com morteiros e foguetes, além de armas leves, atacavam os postos do inimigo incessantemente. Só assim era possível empregar “poucos contra muitos”, isto é, ataques com efetivos limitados a pontos estratégicos. Tratava-se de uma guerra prolongada com economia máxima de forças, apoiando-se nas “três retaguardas”: as montanhas no sul, a RDV no norte e os países socialistas. Na verdade, esta estratégia baseava-se no desgaste psicológico das tropas do adversário: a Infantaria americana já havia mostrado suas limitações na Segunda Guerra Mundial. A longa “guerra suja” destruiria a moral e a combatividade do Exército americano.

O Vietnã do Norte desenvolveu uma DCA (artilharia antiaérea) eficaz para proteger as indústrias maiores que não puderam ser transferidas do eixo Hanói-Haiphong, e quando os bombardeios americanos ultrapassaram determinado limite “politicamente tolerável”, a União Soviética forneceu-lhe mísseis SAM terra-ar e alguns caças MIG modernos. Mas a eficácia da DCA também repousava nas milícias populares que agrupavam quase todos os homens e mulheres adultos e que foram instruídos a atirar nos jatos com qualquer arma. Ao invés de fugir, o povo revidava com armas leves e derrubava vários aviões.

Além disso, o meio físico vietnamita era um inferno para os GIs e seu conceito de guerra convencional: água, lodo, florestas, insetos e guerrilheiros formavam uma combinação problemática aos corpulentos comedores de hambúrguer da América do Norte. Os *booby traps* (armadilhas para bobos), feitos com meios rudimentares como

cartuchos, granadas e estacas pontiagudas de bambu, constituíam também um pesadelo para os soldados americanos. Muitos helicópteros explodiam ao descer sobre ou passar perto de estacas camufladas, com granadas nas pontas. As minas e armadilhas foram responsáveis por 21% de feridos (contra 3% na II Guerra Mundial e 4% na da Coreia).

A tática das “trincheiras que marcham” criava uma confusão particular para os GIs, pois as aldeias eram repletas de túneis defensivos e ofensivos, por onde os vietcongs desapareciam quando cercados e reapareciam atacando-os pela retaguarda. Era o fracasso da guerra convencional, ainda que a aviação e a artilharia dos navios da 7ª Frota pudessem explodir qualquer ponto do país. Em 11 de maio de 1967, a guerrilha bombardeou a imensa base aérea de Bien Hoa. Era impossível alargar mais o perímetro defensivo da base, já que os morteiros tinham uma previsão de vários quilômetros.

Assim, em 1967, o comando estadunidense abandona a estratégia *Search and destroy* (procurar e destruir) e adota a *clear and hold* (limpar e ocupar). Na estação seca, época em que desencadeavam suas ofensivas, os americanos lançaram um ataque maciço em conjunto com o Exército sul-vietnamita contra o “triângulo de ferro” da Zona C, ao lado de Saigon (uma área ocupada pela FNL desde sua fundação). Para aliviar a pressão sobre esta área, a FNL do Vietnã do Sul ataca em Quang Tri e cerca tropas saigonesas e GIs em Khe Shan, próximo ao Paralelo 17. Os americanos são obrigados a retirar tropas da Zona C e enviá-las ao norte. O prolongado cerco começa a preocupar Westmoreland, o novo comandante americano, que lança sucessivas e infrutíferas operações contra os sitiados.

A luta em torno de Khe Shan domina a atenção americana quando, inesperadamente, a FNL do Vietnã do Sul desencadeia a *Ofensiva do Tet* (ano novo lunar) em 1º de fevereiro de 1968. Todas as cidades do Vietnã do Sul e as maiores bases americanas são atacadas simultaneamente pela guerrilha (ver mapa). Em Saigon, os comandos guerrilheiros penetram nos jardins da embaixada dos Estados Unidos, além de dominarem a maior parte da cidade, atacar o palácio presidencial e o Alto-Comando americano. As forças dos Estados Unidos reconquistam as cidades a ferro e fogo, arrasando tudo. Em Hué, são necessários 25 dias de combate para expulsar os vietcongs.

Durante a ofensiva do Tet, a FNL sofreu mais de 20 mil baixas! Os porta-vozes das Forças Armadas, ainda marcados pelo pânico, exibem milhares de cadáveres e falam da derrota da resistência. E, efetivamente, a gigantesca ofensiva da guerrilha apresentava como derrota tática no plano militar. Mas até que ponto os objetivos da FNL haviam sido derrotados? A Ofensiva do Tet representa a virada da guerra. A vitória tática não consolou os americanos, que não ignoravam sua derrota estratégica. Durante anos, os EUA apregoaram a fraqueza da guerrilha, “uma minoria radical sem base popular e capacidade militar”. Então, de repente, a FNL mostrava que não havia um único local seguro no Vietnã do Sul, e que podia atacar todo o país simultaneamente, com uma precisão cronométrica.

Do impasse militar à vietnamização do conflito (1968-73)

O período que se segue à Ofensiva do Tet evidencia a derrota estratégica dos Estados Unidos na batalha. Além disso, as revoltas estudantis e algumas manifestações operárias ocorridas em 1968 em vários países, inclusive nos Estados Unidos, somadas ao grande ataque da FNL, deixam perplexas e temerosas as forças conservadoras

mundiais. Além disso, degrada-se a situação econômica americana devido às excessivas despesas com a guerra, que começam a desgastar o orçamento. Neste contexto, os americanos são obrigados a iniciar conversações em Paris três meses depois.

Em 1969, Richard Nixon é eleito, com uma política de vietnamização do conflito. A razão é a própria decomposição interna do Exército americano. O moral dos GIs encontra-se baixíssimo e ocorrem alguns motins. O número de deserções cresce de forma alarmante. Cerca de 30% dos soldados encontram-se viciados em drogas em 1969, atingindo 60% em 1971.⁸⁰ A ideia de vietnamização leva em conta o cálculo capitalista de que o GI não é rentável em termos de custo/eficácia. Retirando-os, é possível fornecer mais dinheiro a Saigon, além do que “um soldado amarelo é cinquenta vezes mais barato e seu cadáver não causa problemas” (conforme Boudarel). Em 1969, morre Ho Chi Minh, deixando seu *Testamento Político*, onde defende o prosseguimento da luta até a vitória e conclama o movimento comunista internacional a reunificar-se. Em junho do mesmo ano, as forças políticas engajadas na FNL criam nas zonas libertadas o *Governo Revolucionário Provisório da República do Vietnã do Sul* (GRP), pois os acontecimentos estavam se acelerando e era necessário avançar no plano político. O GRP foi reconhecido pelo Movimento dos Países Não Alinhados em 1972 como legítimo representante do povo sul-vietnamita.

Para compensar a desescalada, os Estados Unidos intensificam o uso de tecnologia. Em sete anos, 7,5 milhões de toneladas de bombas são despejadas sobre a Indochina (duas vezes o que os EUA usaram em toda a II Guerra Mundial e onze vezes o que foi usado na Coreia). Mas a maior parte da eficácia dos engenhos eletrônicos foi neutralizada pelos guerrilheiros e pela população através de meios rudimentares. As brutalidades cometidas pelos americanos e pelas tropas de Thieu intensificam-se. Em My Lay-Song Mi, tropas comandadas pelo tenente Calley massacram 567 pessoas, todos velhos, mulheres e crianças, em março de 1968 (em 1971 foi condenado a dez anos e libertado em um mês). Organizações como os *Veteranos do Vietnã contra a Guerra* e o *Tribunal Bertrand Russell de Crimes de Guerra*, sediado em Estocolmo, investigam os crimes de guerra. Os Estados Unidos são acusados de genocídio pelo Tribunal. O impacto de todos estes acontecimentos é enorme na opinião pública americana e mundial. A fuga de jovens para escapar ao serviço militar se intensifica, bem como as campanhas pacifistas.

No plano militar, o comando americano começa a desesperar-se por não conseguir equilibrar a situação nas montanhas, no delta ou mesmo em Saigon. Decidem então atacar os santuários da FNL no Laos e Camboja. No Laos, a crescente intervenção americana desde 1964/65 conduz à saída do Pathet Lao do governo e o reinício da guerrilha, que rapidamente volta a controlar a metade leste do país. Contra esta, os Estados Unidos armam o Exército Real e a Tailândia envia 20 mil homens. No Camboja, os Estados Unidos começam a bombardear regiões do país para golpear bases da FNL desde 1965, o que leva o príncipe Sihanuk a afastar-se dos americanos e estreitar seus vínculos com a RDV. Dentro do PC do Kampuchea o “grupo jovem” de Pol Pot e Ieng Sary consolida-se no poder alijando os sobreviventes da velha guarda, e sofre uma influência crescente da Revolução Cultural Chinesa. Em 1970, a CIA articula com a direita

⁸⁰ O coronel marine R. Heintz escreve no *Armed Forces Journal*: “O que resta de nosso Exército no Vietnã encontra-se numa fase próxima ao desmoronamento. As unidades evitam ou recusam combater, assassinam oficiais e suboficiais; quando não se entregam aos motins, elas são abatidas pela droga e pelo desencorajamento”. Acrescenta ainda em seu artigo que as Forças Armadas possuem 140 jornais clandestinos e 14 organizações pacifistas, sendo duas exclusivamente de oficiais.

cambojana o golpe que leva o general Lon Nol ao poder, o qual proclama a República Khmer. Poucos meses depois as tropas americanas entram no país.

Toda esta extensão do conflito está, entretanto, voltada ao fracasso. A invasão do Camboja leva o deposto Sihanuk a apoiar a guerrilha dos Khmer Vermelhos, através da criação da Frente de Unidade do Kampuchea. A resistência ganha então o apoio da massa camponesa e avança a ponto de isolar Lon Nol e seus cortadores de cabeças em Pnom Penh e algumas poucas cidades, onde é sustentado pela aviação americana. O Pathet Lao continua a ocupar mais da metade do Laos. O ataque de Van Thieu ao sul deste país para cortar a Trilha de Ho Chi Minh é um fracasso quase completo, e suas tropas debandam de volta à fronteira com pesadas baixas, perdendo também muitos helicópteros e tanques. A fraudulenta reeleição de Van Thieu, em 1971, desencadeia violentas manifestações estudantis em Saigon, com dezenas de veículos incendiados.

Tentando sair do atoleiro militar, Nixon decide desencadear uma ofensiva diplomática, visando afastar a China Popular e a URSS da RDV. Em julho de 1971, Kissinger vai a Beijing e oferece perspectivas de resolução do problema de Taiwan em troca da pressão chinesa sobre o Vietnã do Norte para a aceitação das posições americanas nas negociações. No início de 1972, o próprio Nixon vai a Beijing, onde aprofunda os vínculos com Mao Zedong, e depois a Moscou, onde relembra a Brejnev o preço da *détente*. Com este contexto diplomático desfavorável, a FNL reage para não perder politicamente o que havia obtido no campo de batalha. Em 30 de março de 1972, desencadeia uma ofensiva geral, infligindo violentas derrotas ao Exército de Saigon. Com a perspectiva de desintegração de seu aliado, os Estados Unidos reagem com força total, bombardeando com tecnologia *laser* tanto o sul como o norte. Em maio, Nixon bloqueia os portos da RDV com minas. O Exército sul-vietnamita é salvo *in extremis*.

Entretanto, o próprio presidente Nixon decide voltar a negociar, devido à proximidade das eleições americanas. Logo após vencer as eleições, Nixon provoca o impasse nas negociações e reinicia violentos ataques aéreos no Natal, sobre Hanói-Haiphong. Durante 15 dias consecutivos, foram lançadas 100 mil toneladas de bombas (potência de cinco bombas a de Hiroshima). Face ao terror aéreo, a União Soviética envia novos mísseis SAM aos vietnamitas. Em sete anos, os B-52 haviam realizado cem mil ações e perdido apenas um avião. Agora, em 15 dias, a DCA vietnamita, que se tornara das mais eficazes do mundo, abate 23 bombardeiros B-52 (que custavam 15 milhões de dólares cada) e capturaram 90 pilotos.

A conjuntura é propícia para a RDV. Os soviéticos estimulam-na a avançar politicamente, mas o chanceler Andrei Gromiko recomenda que os EUA não devem ser tratados como vencidos, pois isso dificultaria a retirada americana. Enquanto Moscou glorifica o Vietnã aos quatro ventos, aconselha-o a moderar suas reivindicações. Assim, em janeiro de 1973 são assinados os Acordos de Paris, prevendo o cessar fogo imediato, a retirada dos soldados americanos em 60 dias, o reconhecimento da existência de duas administrações e dois exércitos no Vietnã do Sul (o de Saigon e o do Governo Revolucionário Provisório), a constituição de um governo de coalizão e a realização de eleições gerais no país.⁸¹

⁸¹ Os Acordos de Paris foram assinados pelos Estados Unidos, União Soviética, China Popular, Grã-Bretanha, França, República Democrática do Vietnã, República do Vietnã do Sul, Governo Revolucionário Provisório do Vietnã do Sul,

A retirada americana do Vietnã do Sul repercute no Laos, enfraquecendo a direita. Assina-se um armistício e forma-se um governo de coalizão composto majoritariamente pelos neutralistas e pelo Pathet Lao. Os 20 mil tailandeses são expulsos, bem como os 200 conselheiros americanos. A luta praticamente cessa no país. No Camboja, a guerrilha mantém o cerco às reduzidas áreas controladas pelo governo, procurando dificultar o seu abastecimento (feito por via aérea e fluvial desde Saigon) e aguardar a definição dos acontecimentos no Vietnã do Sul.

Da retirada americana à reunificação (1973-75)

No prazo determinado, a bandeira americana é arriada, e as tropas retiram-se do país. Entretanto, os Estados Unidos reforçam o governo de Thieu. Seu Exército possuía um milhão de soldados, 2 mil tanques e 2 mil aviões, o que fazia da Força Aérea de Saigon a terceira do mundo, em quantidade e qualidade (perdendo apenas para os Estados Unidos e União Soviética). Os assessores permaneciam no país, embora a título "voluntário", organizando e comandando o Exército de Thieu. Também permaneciam muitos técnicos e pilotos em uniformes sul-vietnamitas. A 7ª Frota continuava no Mar da China Meridional e as bases americanas na Tailândia permaneciam ativas, ou seja, a volta dos bombardeios e dos *marines* eram ainda uma possibilidade concreta. Todo este poderio é, entretanto, bastante ilusório. O Estado neocolonial e a burguesia compradora do Vietnã do Sul estavam minados em suas bases. A economia do país quebrara-se sob o peso da ajuda americana: o artesanato fora arruinado, a agricultura sofrera uma violenta regressão e os níveis de inflação eram insuportáveis. Formou-se uma nova elite que vivia da especulação de guerra e do tráfico (destruindo no sul a tradição confuciana do letrado íntegro).

A prostituição, o tráfico de drogas, além da violência criminal tornaram-se intensos com a urbanização forçada (a população urbana do sul passa de 15% para 60%). Em Saigon, quatro milhões de habitantes exigem um aparato policial enorme para mantê-los reprimidos. A maioria dos camponeses chegados à cidade se corrompe para poder sobreviver, e adquire a mentalidade da sociedade de consumo, ainda que vivesse em favelas insalubres. De uma forma ou de outra, prestam serviço a toda uma elite que vive dos recursos desviados da ajuda americana. Dessa forma, a saída dos soldados estadunidenses deixa uma crise imensa, pois milhões de pessoas dependiam direta ou indiretamente deles oferecendo mil "serviços".

A FNL compreende que o destino dos Acordos de Paris será o mesmo dos de Genebra, caso permaneça inativa. Van Thieu não liberta os presos políticos, não democratiza o país e prossegue sua ofensiva contra as áreas do GRP. Assim, em fins de 1973, o Partido dos Trabalhadores e a FNL decidem preparar a ofensiva decisiva. Trinta mil jovens da RDV trabalham na ampliação da Trilha de Ho Chi Minh como preparação do ataque no sul. A Trilha passa a contar com 5.000 km de oleodutos camuflados e 20.000 km de estradas, inclusive na zona libertada. Enquanto isso, grandes questões afetam o plano diplomático.

Em 1974, eclode o escândalo Watergate, e Nixon é obrigado a demitir-se. É o fiasco dos "falcões" e do homem dos *dirty tricks* (truques sujos). A consequência ime-

além dos membros da Comissão de Controle e Supervisão, força que fiscalizaria a aplicação dos acordos, a Hungria, Indonésia, Canadá, e Polônia.

diata é a queda da ajuda americana de mais de um bilhão de dólares no exercício 72/73 para setecentos milhões no exercício 1973/74, resultando na estagnação do Exército sul-vietnamita e a adoção de uma tática defensiva.

Face à nova situação, o Lao Dong (Partido dos Trabalhadores) e a FNL decidem libertar o sul até 1976, mas com cautela, para testar a reação americana, temendo nova intervenção. Pela primeira vez, a guerrilha apresentava superioridade político-militar. Em dezembro de 1974, toda a província de Phuoc Long foi ocupada e Saigon não reagiu. As bases americanas entraram em alerta, mas nada fizeram. Era o sinal verde para desencadear a *Campanha de Ho Chi Minh*. Vo Nguyen Giap, Van Tien Zung e Dinh Due Thieu preparam a ofensiva baseada na audácia, surpresa, segredo de movimentos e diversões visando atrair o Exército de Thieu para o norte do planalto, enquanto a verdadeira ofensiva deveria ocorrer no sul.

O Alto Comando de Saigon espera um ataque às pequenas cidades e mantém poucas forças na região. Tropas do Exército da RDV e da FNL atacam no início de março de 1975 em Kontum e Pleiku, ao norte do planalto. Thieu morde a isca e envia reforços para a área, enquanto a guerrilha ataca Ban Mê Thuôt. As estradas são isoladas e a cidade tomada. O contra-ataque de helicópteros é dizimado, mas a Força Aérea americana na Tailândia não revida. Toda a província é ocupada, mas a FNL vacila e não explora as possibilidades da vitória fácil. Quando no dia 17 de março Thieu ordena o recuo de todo o 2º Corpo de Exército do Planalto para o litoral, o comando revolucionário percebe o desespero do inimigo. A FNL corre e consegue cortar a retirada, cercar e destruir todo o corpo de Exército na mesma noite. A estrada para o norte é cortada e Hué é cercada e conquistada. As tropas do Exército sul-vietnamita rendem-se justamente no local onde 90 anos antes haviam desembarcado soldados franceses para dominar o centro do país. A cidade e a gigantesca base militar de Da Nang, no litoral, são cercadas. Tropas deslocadas e pessoas em pânico protagonizam cenas de histeria coletiva no aeroporto, onde um lugar num avião era vendido a preços astronômicos. Era o Vietnã "*made in USA*" que se desintegra completamente. Dia 21 a guerrilha e os norte-vietnamitas ocupam a cidade e a base.

Van Thieu ordena o recuo de suas tropas do litoral e forma uma primeira linha defensiva para a capital em Phan Rang. Seu objetivo é conter a ofensiva até a chegada das monções. Agora o regime de Thieu ocupa apenas parte da Cochinchina. Do lado do Movimento de Libertação, decide-se concluir a guerra antes da estação das chuvas. O 1º Corpo de Exército da RDV, que se encontrava consertando diques no norte, percorre quase 2.000 km até o sul, a maior parte a pé, entre 25 de março e 14 de abril, e apresenta-se na linha de combate. O líder dos comunistas de Saigon, Nguyen Van Linh, apoiando-se em suas bases da periferia da cidade, prepara a frente interna para auxiliar na tomada da cidade com o mínimo de destruição possível. Saigon possuía uma periferia fortificada, mas seu centro encontrava-se praticamente desguarnecido. Assim, segundo Georges Boudarel, "o longo Yenan terminaria em Petrogrado".

Quando a ofensiva se inicia, Phan Rang é conquistada e, apesar da resistência em Xuan Loc, as fortificações são contornadas e o avanço para Saigon prossegue, enquanto, no Camboja, os Khmer Vermelhos conquistam Pnom Penh dia 17 de abril, completando sua vitória contra o regime pró-americano de Lon Nol. Dia 20 a Embaixada americana em Saigon começa a queimar seus papéis e a evacuar seus 2 mil funcionários, além de outros 5 mil americanos, através de uma ponte aérea de helicópteros entre o

terraço do prédio e os porta-aviões. No mesmo dia, Van Thieu entrega o poder a seu amigo Tran Van Huong, pois fora abandonado pelos americanos e duramente criticado por seus companheiros. Huong continua com a mesma política de Thieu (que parte levando grande quantidade de ouro para Londres, onde passou a residir confortavelmente), esperando por um milagre.

O uso de armas poderosas, como as bombas CBS de fragmentação, não muda os rumos da batalha nem elevam o moral das tropas, e muitos oficiais fogem para a 7ª Frota americana. Dia 28, Huang renuncia e o general Zuong Van Minh assume o poder. No mesmo dia, os soldados norte-vietnamitas e da FNL cortam a estrada sul que ligava a capital ao delta, enquanto Saigon é atacada pelo norte e nordeste. Os aeroportos de Bien Hoa e de Tan Son Nhut são bombardeados. Iniciam-se as conversações neste último, enquanto os soldados e tanques da FNL e RDV avançam para o centro de Saigon, onde tem início um gigantesco "*strip-tease* militar", sobretudo dos corajosos *rangers*, paraquedistas e policiais sul-vietnamitas, que retiram o uniforme e mergulham no anonimato. Dia 30 de abril, os tanques cruzavam os portões do Palácio Presidencial e completavam a unificação do país, pondo termo a 35 anos de luta quase ininterrupta. Três potências industriais, incluindo a nação mais poderosa do planeta, não haviam conseguido quebrar a vontade de um pequeno povo e de sua direção política.

A vitória do Vietnã sobre os Estados Unidos só foi possível porque a guerra representou a *expressão nacional de uma revolução social*. É correto que o povo vietnamita possuía uma larga tradição de resistência nacional e que foi capaz de sacrifícios sobre-humanos. Mas isso é insuficiente para conduzir à vitória uma pequena nação camponesa contra uma superpotência militar, industrial e tecnológica. Sem um processo de transformação social que liberasse as potencialidades contidas na esmagadora maioria da população, e uma organização política à altura de tão complexa tarefa histórica, pouco poderia ter sido feito. Também foi indispensável a existência de uma estrutura industrial independente do capitalismo, isto é, sem a vitória da Revolução Soviética e da Chinesa, muito dificilmente os revolucionários vietnamitas poderiam ter triunfado. Sem os países socialistas e seu poder militar-nuclear e econômico capaz de impor limites à política da superpotência capitalista, nada a teria impedido de volatilizar um pequeno país se isso fosse indispensável para a manutenção de seu poder.

5.2 A REPÚBLICA SOCIALISTA DO VIETNÃ: UNIFICAÇÃO, CERCO E REFORMAS (1975-2012)

A República Socialista do Vietnã: um socialismo cercado (1975-1991)



O triunfo da Revolução Vietnamita ocorreu num momento histórico marcante para os movimentos revolucionários e de libertação nacional no Terceiro Mundo. Em 1973, o mito da invencibilidade do Exército do Estado de Israel caiu por terra, durante a Guerra do Yom Kippur. Em 1974, o fascismo de Portugal é derrubado pela Revolução dos Cravos, a Ditadura dos Coronéis gregos chega ao fim e, um ano depois, a monarquia parlamentar sucede ao franquismo

na Espanha, constituindo-se em eventos que sacudiram a estratégia da OTAN (especialmente o primeiro). Na África, o Imperador Haile Selassie é derrubado por um golpe militar na Etiópia, em meio a uma intensa mobilização popular.

Nos anos seguintes, a Junta Militar adotará posições progressivamente anti-capitalistas e anti-imperialistas com a ascensão de Mengistu Haile Mariam. Angola e Moçambique, sob a direção de movimentos que se proclamam marxista-leninistas, atingem a independência juntamente com Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. A guerrilha intensifica-se na Rodésia e na Namíbia, ocupada pela África do Sul, enquanto o levante de Soweto mostra a possibilidade de rebelião negra. Mas sem dúvida a pior derrota é a da Indochina, onde as próprias forças americanas estiveram envolvidas. A crise do império (americano) tornou possível o triunfo de todas estas revoluções, a mais importante e simbólica das quais era a vietnamita. A imagem dos helicópteros dos Estados Unidos sendo disputados a murros por americanos e membros da cúpula sul-vietnamita, e a entrada dos tanques da FNL e da RDV nos jardins do Palácio de Van Thieu, representam o fim de uma época.

Unificação, reconstrução e socialização no sul

Os Estados Unidos passaram a sofrer da chamada *Síndrome do Vietnã*, responsável pelo retraimento temporário do país nas relações internacionais. A síndrome consistia numa sensação de impotência experimentada pela primeira derrota militar da história americana, agravada por haver sido infligida por um pequeno país do Terceiro Mundo (a Guerra da Coreia fora um empate). Representava ainda o complexo de culpa de uma opinião pública alienada e maniqueísta, que descobria que seu país se encontrava na posição de vilão. Também influenciou a descrença generalizada da população no governo, depois do escândalo do Watergate. Assim, a aversão e os riscos de se imiscuir em assuntos internos do Terceiro Mundo levou James Carter (sucessor de Gerald Ford) a desenvolver a diplomacia dos direitos humanos, como forma de recuperar a autoimagem dos norte-americanos como defensores da liberdade no mundo.

Os valores militaristas sofreram um duro golpe: dos 2,7 milhões de americanos que passaram pelo Vietnã, 60 mil morreram e 300 mil foram feridos, sendo que parte destes ficou inválida. Dezenas de hospitais foram construídos nos EUA para tratamento mental de soldados e recuperação de milhares de viciados. A dificuldade de readaptação pode ser exemplificada com os periódicos episódios de veteranos do Vietnã que entram em alguma lancheria e matam dezenas de pessoas desconhecidas, como ocorre em várias cidades americanas. Apesar do fato de Washington denunciar maus tratos aos 566 prisioneiros americanos do Vietnã, quando estes foram libertados, a maioria deles fez declarações públicas contra a atitude do país na guerra, levando as autoridades a afirmar que estes haviam sofrido alguma "lavagem cerebral". Um último dado para ilustrar o potencial militar envolvido e o peso das baixas americanas: 7 dos 14 porta-aviões dos Estados Unidos estavam envolvidos na guerra, a qual custou ao país a perda de quase 4 mil aviões e helicópteros.

Se o preço pago pela grande potência industrial fora elevado, o da pequena nação agrária superava-o qualitativamente. Quase 30% da superfície arável do país fora inutilizada por bombas, napalm e, principalmente, pelas armas químicas. Trezentas mil

toneladas de bombas não explodidas continuam causando vítimas até hoje. O rebanho de búfalos no sul foi quase eliminado. Nesta parte do país havia 3 milhões de desempregados, 4 milhões de analfabetos, mais de um milhão de ex-soldados, policiais e oficiais do Exército de Van Thieu desmobilizados, 360 mil mutilados, 800 mil crianças órfãs, um milhão de viúvas, 200 mil prostitutas, dezenas de milhares de viciados, mendigos e delinquentes, além de grandes focos de cólera, milhares de tuberculosos e de contaminados pelos bombardeios químicos (cujos efeitos genéticos geraram uma espécie de "Hiroshima vietnamita"). A cidade de Saigon ultrapassara os 4 milhões de habitantes, que precisavam ser alimentados, enquanto os campos estavam semidesertos e improdutivos (a maior parte dos alimentos era importada até 1975).

Saigon tornara-se uma cidade semiestrangeira, "uma Ásia de miséria (onde) se enxertaram farrapos de um Ocidente corrompido" (Vien). Milhões de pessoas no sul desabitaram-se a trabalhar honestamente, enquanto uma classe média dependente das doações de mercadorias e dinheiro americanos encontrava-se sem perspectivas. O fato de a revolução possibilitar o controle dos rios (diques e irrigação), alimentação da população e a criação de condições para que um camponês ou operário possuísse uma bicicleta era uma conquista para o norte. Mas, em Saigon, acostumada com Hondas, Mercedes e Dodges, isso era um retrocesso, na perspectiva de sua classe média.

A frugalidade e a moral espartana dos norte-vietnamitas não eram atrativas a uma sociedade moldada pelo capitalismo norte-americano, a civilização da comunicação visual, da publicidade e do condicionamento psicológico. Mas o mais grave era a existência de uma burguesia que, uma vez esgotado o mercado de produtos importados, dedicara-se a especular com gêneros de primeira necessidade, criando um quadro econômico caótico. A economia do norte, embora em menor escala, tinha sua base industrial e rede de transportes bastante atingidas. No que se refere à morte de vietnamitas, atingiu 2 milhões na fase americana, a maioria civis (mais de 4 milhões desde 1939).

Dentro deste quadro, a prioridade era dada à normalização da vida econômica e à manutenção da segurança. Autores pró-ocidentais argumentam que o sul foi ocupado militarmente pelo norte. Embora se trate de uma propaganda ideológica, na verdade o GRP e a FNL se confundem na prática com a administração e as tropas da RDV, para fazer frente à difícil situação existente no sul. Em abril de 1976, ocorrem eleições gerais no norte e no sul. A nova Assembleia vota pela unificação do país, que passa a chamar-se República Socialista do Vietnã (junho). Hanói permanece capital do país, enquanto Saigon é rebatizada Cidade Ho Chi Minh.

Em dezembro de 1976, realiza-se o Congresso do Partido dos Trabalhadores e do Partido Popular Revolucionário (o equivalente do PT no sul), onde estas organizações fundem-se e adotam o nome de Partido Comunista do Vietnã (PCV). O Partido Socialista e o Partido Democrático subsistem como forças aliadas dentro de um regime sob a hegemonia do PCV. A "terceira força" do sul (os não comunistas da FNL) integra-se em grande parte às organizações de massa. Não houve maiores problemas com os grupos religiosos ou minorias étnicas no país, exceto em relação à cúpula católica e aos comerciantes de origem chinesa.

Apesar da unificação político-administrativa, o país permaneceu dividido em dois sistemas socioeconômicos: o norte prosseguia a socialização enquanto o sul se ocupava da reconstrução e da conclusão da "revolução nacional democrática e popular". No plano

político, o PCV desejava eliminar a burguesia compradora e os latifundiários feudais como classes sociais. Mas durante muito tempo, no sul permaneceram segmentos desta burguesia e da classe média. Era impossível fazer o processo avançar abruptamente, com o governo optando por uma combinação de coação administrativa com reeducação política.

Duzentos mil funcionários, policiais e militares graduados do regime de Thieu foram enviados a campos de trabalho para reeducação (até 1978, 90% já haviam sido considerados “recuperados” e libertados). Um milhão e duzentas mil pessoas foram devolvidas ao campo, nas Novas Zonas Econômicas, num processo repleto de dificuldades e resistências, uma vez que muitos preferiam viver do tráfico nas favelas da Cidade Ho Chi Minh do que voltar a cultivar arroz. A paz afigurava-se aos comunistas vietnamitas tão complexa e difícil quanto a guerra.

Entre 1977 e 1978, o Vietnã logra vários êxitos: ingressa na ONU, assina um tratado de fronteiras com a República Popular Democrática do Laos (onde o “Príncipe Vermelho” Suvanavong era agora presidente), inicia negociações com os Estados Unidos visando à normalização de relações, ingressa no Conselho de Ajuda Mútua Econômica (COMECOM ou CAME, o Mercado Comum dos países socialistas), assina um Tratado de Amizade e Cooperação com a União Soviética e melhora as condições alimentares e sanitárias no sul (mas a redução da mortalidade aumenta o crescimento demográfico). Entretanto, já em 1978, a situação degrada-se. A reforma agrária no sul encontra dificuldades, além de o país ser sucessivamente abalado até 1981 por inundações, ciclones e secas que arrasam a agricultura e causam milhares de vítimas. Mas isso não é o pior. As crescentes provocações do exército da República Democrática do Kampuchea na fronteira vietnamita (no “bico do Papagaio”) preocupam não por representar um perigo em si mesmo, mas pelo suporte da República Popular da China a tal tipo de iniciativa. (ver subcapítulo posterior)

Paralelamente, as relações internacionais encontram-se em plena virada. Em 1978, a direita americana conseguia recuperar-se do baque sofrido e recuperava a maioria dos postos no Congresso, obrigando o governo Carter a mudar sua política. Antes dos soviéticos entrarem no Afeganistão a Nova Direita conseguira aumentar o orçamento militar dos EUA, impedir a ratificação dos Acordos SALT II sobre limitação de armas nucleares, colocar em fabricação a bomba de nêutrons, apoiar a guerrilha afegã, interromper o diálogo com o Vietnã e criar a Força de Deslocamento Rápido. Quase uma década de vacilação americana estava chegando ao fim, e a conjuntura internacional favorável ao triunfo de revoluções estava terminando. A vitória de forças antiamericanas na Nicarágua, Granada, Iêmen do Sul, Irã, Afeganistão, Zimbábue (ex-Rodésia) e Camboja foram as últimas antes da porta se fechar. A eleição de Ronald Reagan apenas amplifica uma tendência previamente existente. Começam os anos conservadores.

Dia 17 de fevereiro de 1979, 600 mil soldados chineses, com artilharia e tanques, cruzam a fronteira para “dar uma lição ao Vietnã”, segundo Deng Xiaoping declara a Carter. Quatro províncias fronteiriças são arrasadas. Aos protestos mundiais, junta-se o de muitos chineses, o que obriga o governo de Beijing a decretar as “Medidas Urgentes de Tempo de Guerra”, proibindo manifestações. A União Soviética informa a China que honrará seu tratado com o Vietnã caso a guerra prossiga. Dia 18 de março o Exército chinês retira-se (com 50 mil baixas), mas não descarta a possibilidade de voltar. Como as relações entre dois países socialistas puderam chegar a tal ponto?

Obviamente que problemas milenares influenciavam a relação entre as duas nações. Mas o principal era a orientação pró-ocidental da política externa chinesa desde o declínio da Revolução Cultural. A aproximação com os Estados Unidos a partir de 1971 (a *Diplomacia do Ping-Pong*) atingia o ponto culminante na investida contra os comunistas vietnamitas. A China reconhecera o governo do general Pinochet no Chile, logo após o golpe, e sua embaixada negava acolhida a qualquer refugiado. Na África, a diplomacia de Beijing apoiou movimentos de emancipação conservadores unicamente por não serem pró-soviéticos, os quais atacavam os movimentos de esquerda, além de apoiar regimes reacionários como o do Zaire.

Caía por terra toda a argumentação contra a política externa da União Soviética, acusada de “social-imperialista” (um discurso que seduzira muitos intelectuais progressistas). A prática da diplomacia chinesa nos anos 70 superava as acusações feitas à política internacional soviética nos anos 60. A China justificava sua invasão como resposta a uma tentativa do Vietnã de dominar a Indochina. Na verdade, a perspectiva chinesa preocupava-se com a força autônoma da Revolução Vietnamita, numa região que fora historicamente periferia do império chinês, e pelo fato de esta revolução buscar o apoio soviético para manter sua independência face ao poderoso vizinho (uma espécie de “Cuba asiática”, tal como a Mongólia também havia feito). O Laos, aliado de Hanói, também sofrera provocações de fronteira por parte da China e da Tailândia, obrigando o governo de Vientiane a fechar por três anos a fronteira com este último.

O resultado deste confronto é a dependência e o alinhamento ainda maiores de Hanói em relação a Moscou. O Vietnã procura estreitar seus vínculos com os demais Estados indochineses devido à ameaça representada pela política externa chinesa de então e pela Tailândia, uma ditadura militar pró-americana ferozmente anticomunista e superarmada. Em 22 de março de 1979, é assinado o Acordo de Cooperação Econômica, Cultural, Educacional e Técnica entre o Vietnã, o Laos e o novo governo de Camboja. Entretanto, o isolamento internacional do Vietnã é grande e toda a ajuda externa, exceto da URSS e seus aliados, é cortada.

Ainda que a comunidade internacional repudiasse a barbárie protagonizada pelos Khmer Vermelhos e condenasse o genocídio resultante deste *sui generis* processo histórico-social de “vingança” do campo contra a cidade, poucos países fora do campo soviético reconhecem o governo da FUNSKN (a cadeia do Camboja ficou sem representação no Movimento dos Não Alinhados e, na ONU, era ocupada pela República Democrática, isto é, pelo governo derrubado). Isso reforça a ideia de que o inimigo visado pela nova reação conservadora era o Vietnã e as revoluções mais sólidas no Terceiro Mundo.

Quando o governo estatiza parte do comércio, toca nos interesses de quase um milhão de pessoas, 700 mil dos quais emigram, numa situação reforçada pelas dificuldades internas de abastecimento e pelos boatos de uma possível intensificação da guerra. Destes, 250 mil são descendentes de chineses, a maioria dos quais sai do país em precárias embarcações, originando o problema dos *boat people*, que a imprensa ocidental apresenta emotivamente como “vítimas fugindo de perseguições políticas”, gerando mais justificativas para a campanha antivietnamita e um maior isolamento do país no cenário mundial.